Abri a porta da minha casa ao mesmo tempo em que a voz de verônica-yoko-verônica lia o trecho - abra essa garrafa. **A minha casa que não é minha** pois é alugada mas é provisoriamente minha. uma garrafa. gosto de estar dentro da casa-garrafa q é onde se pode guarda um segredo um gênio kkkk um pedido de socorro coca cola cerveja álcool 70 água e ar. Tem muito vazio na fruta da Yoko e o vazio inspira. Precisaria de mais silêncio. eu não tenho vontade de ouvir caminhando. Tenho inveja da mabê que ouve deitada, a cama com vazio. Ao redor de casa é bem tranquilo, mas não tem muito vazio. Fui numa praça grande aqui do lado mas começaram a fazer um prédio na frente dela e tava barulho. Ouço e vejo os trabalhadores. **Qual o programa que organiza essa ação de edificar um prédio?** Outros trabalhadores removem um poste de luz. O trabalho deles, coletivo, qual o programa de ação o define? Eu penso nisso guiado pela voz zé-yoko-zé que dá relevo ao que acontece ao redor. outro modo de reparar. **A vida real (kkk falo como se houvesse uma vida falsa) fica mais intensa escutando essas vozes que experimentam outro modo de enquadrar.** **Ouço que existe uma peça em que se deve tossir um ano sem parar. fico triste e me dá vontade de parar.** há pegadas de cachorros no concreto e uma de pessoa. Quem me faz reparar nisso é zé-yoko-zé. Mabê-yoko-mabê me levou pra longe da praça. Quis parar várias vezes pra ficar reverberando. E uma hora, ainda bem, uma pausa. Um tempo na leitura. Escutar luiz-yoko-luiz é divertido pra mim. interferência dessa pessoa na minha voz, uma interceptação. Quem realmente está dizendo aquilo? Giovana-yoko-giovana me propõe um gesto de apertar o fone de ouvido na cabeça para escutar melhor. Vou prum lugar com, mais silêncio e prefiro voltar pra casa. **Não tenho vontade de que nenhuma imagem vista me acompanhe para a eternidade.**

Quente! Vida! Baita Vida! No começo foi começo. No meio não queria mais. A caminhada é uma conversa de mim com meu cérebro. Essa voz não cala. Vou ter que aceitar. As vezes a briga vem. O barulho do vento que consegue passar pelo fone é uma delícia com o som abafado da rua. **Pareço uma alienígena de máscara e esses fones enormes. Fim do mundo mesmo. Esqueci de olhar para quase tudo. Quase esqueci de olhar para atravessar a rua. Gosto e não gosto desse estar sozinha para o mundo, mas não estar para o celular.** As pessoas estão sem máscaras. As pessoas estão loucas. Elas me olham como se eu estivesse louca. Talvez eu esteja. Abaixa volume. Aumenta volume. Vozes diferentes. Tons também. Vermelho. Eu amo vermelho e amo fruta. **Será que tem fruta na eternidade?** E cor? Saudades da liberdade. Saudades de poder respirar sem essa coisa no meu nariz. Queria poder chegar perto. Nem pisaria os mesmos passos, mas poderia ficar perto. Nem precisaria ficar. Só para não ter que pensar que NÃO posso ficar. Relógio. Paisagem. Duas coisas que não saem da minha cabeça, mas que para mim não combinam. **Tempo que passa sem se ver passar. Parece que congelamos. Será assim a eternidade?** Será assim ter que ouvir gente o tempo todo? Trocarias meu objetos agora. Não levaria minha boneca de infância, levaria protetores de ouvido. **Gosto de voz, mas amo o silêncio. Tampa a boca. Tampa o nariz. Tampa o ouvido. Só seus olhos estão para fora. O que que está acontecendo? Não quero voltar para tela. Quero jogar tudo fora.** Máscara, celular, fone, nariz. Não se olham como antes. Mas antes também não se olhavam. Agora estou no quarto. Agora.

O que foi isso. Máscara. **Por que quando li pela primeira vez não fiz essa associação tão cruel e óbvia? Deixe. Deixe. Deixe que**. Let... a pequena máscara beba vinho por você. Deixe que desenhem rugas. Nosso rosto é nossa máscara. nós deixamos que nos desenhem rugas? Nós não precisamos deixar para que o façam, então é melhor logo deixar? Eu subi uma subida incrível e quando eu tive que parar me veio a voz da máscara. Os animais me chamam atenção. **As coisas mais simples me chamam a atenção. Foi maravilhoso pegar uma pedra, riscar uma linha na terra e apagá-la com o pé.** Talvez a mensagem seja que é impossível apagar a linha, assim como aprendi na 4a série que é impossível desamassar um papel. Apagar um papel. Tem infinitas linhas no mundo.

**A Vida: pinte com seu sangue até desmaiar, até morrer. A Vida.**

No inglês, conjecturei que os infinitivos são iguais ao imperativo. This is an order. Quantas vezes será que o Trump já disse essa frase na vida? Do, fazer, faça. Eat: comer, coma. Get, take: pegar, adquirir, pegue, adquira. Os animais. **Devo ter visto uns 8 pássaros (espécies) diferentes e nem notei. Mas lembro dos 3 cachorros que vi e das capivaras. Me chamam atenção os exercícios de imaginação, que ÓBVIO, não são de imaginação. Escute o som da terra girando, quem vai dizer que eu não ouvi?**

Calor, sinto energia e suor em todo meu corpo. Os músculos da minha perna contraem e relaxam sem parar depois que sentei. Passei por ruas que já conhecia, mas vi coisas que não tinha visto ainda. **Não encontrei ninguém, não sorriram pra mim, não me desejaram bom dia. Eu também não sorri ou cumprimentei alguém. Encontrei algo que estava procurando - uma pintura.** **Queria poder ouvir todos os sons.** Ouvir os passos, ouvir as folhas girando no ar, a água parada, a parede, a neve caindo. **Queria ouvir o coração de uma pessoa. Queria ouvir o pulso de uma pessoa.** Uma pessoa jovem, um bebê, uma pessoa idosa, uma pessoa adulta. **Queria ouvir a respiração de um cachorro, de uma pessoa, a minha respiração, ouvir a respiração das plantas.** Eu apenas ouvi as "vozes" dos meus colegas no trajeto, eram eles, e não eram eles ao mesmo tempo. Não ouvi nada além disso. Carros, ônibus, caminhão, cachorro latindo, buzina, freios. Eu vi homens trabalhando, um colchão com um grafite, uma senhora olhando pelas grades do portão. Essa senhora, a quanto tempo ela já não estava olhando? Será que ela olha pra rua todos os dias? O que será que ela já viu? Será que ela já me viu? Quero andar de novo e fazer o mesmo trajeto, será que vou encontrar aquela mulher. **Cheguei em casa, e logo que pisei em frente ao portão o áudio acabou, foi mágico, não acreditei. Estou tremendo.**

Um programa de estações. Um rolê de estações. Sob meus pés em cima de um viaduto o entre as estações Brás e Mooca da CPTM. A cada estação e a cada avanço o sol e o calor. Bons. Não devem ser tomados como algo ruim. A cada estação a instrução dirigida a meus ouvidos parece se distanciar e buscar outras pessoas que não eu. Quem? **Já não quero seguir instruções se não imaginar as poucas pessoas que vejo na rua seguindo-as. Sigo alguém?** Não, sem vontade. **Tudo bem se eu comprar uma cerveja no mercadinho e ir tomando durante o trajeto?** A Mooca baixa é sempre um apêndice não assumido pela Mooca burguesa. **Nos ouvidos fala-se de morte e penso nos que morreram e do que lembro deles.** Agora, terminada das caminhadas não consigo lembrar muito do que lembrei. **Penso na minha morte.** **O tema era eternidade, né?! Se a eternidade for assim não quero existir e OK.** Porque posso me enganar que posso me obrigar a ser melhor e consciente agora. Ou seguir uma série de autoenganos em cada esquina e rua. As imagens que levaria para a eternidade não as levaria para olhá-las sempre, mas para rir da ironia e do que elas podem suscitar em outros. Haverá outros na eternidade? Além de mim? Se não, para que o eterno? Percebo agora que o calor e o suor superaram a dor e que nem ela pode ser eterna. Existe um provérbio assim, né não? O que tenho agora é: o que seria recuperar a experiência? Como refazer o trajeto com ela? Percebo que tenho um outro percurso de um percurso que já tinha feito. **Um percurso de estações.**

Caminhei, estou cansada mesmo, minhas pernas estão dando aqueles tiques de quando caminham muito, não sei se escrevi sobre... eu não sei se fiz certo, **o caminho tomou mais minha atenção do que os áudios,** espero que ela não peça para falar sobre os que a gente mais gostou; aroma, quando chegou no aroma que corre pelo vento, ventou em mim, um vento gostoso, calmo, nem me assustei com os barulhos da pilha de folhas, descobri que são feitos por pequenos lagartos, não fiquei com medo. Queria ter entrado no parque, mas estava fechado. Tive um novo olhar sobre o lago: gansos descansando, a serenidade de ficar ali olhando a água... realmente não prestei atenção no áudio. Tapete amarelo de flores na biblioteca já está quase acabando. Minha mãe me atrapalhou, perdi o fluxo... Não sei mais o que escrever... Estava quente, meu tênis esquentou, meu cabelo esquentou, minhas mãos incharam... Não prestei atenção no áudio... Pinturas, pipa com a Monalisa, estourar seu nome com um canhão, ou com metralhadoras, contar: as estrelas, muita coisa poética que passou despercebida... Eu não sei mais o que escrever, to bem suada, embaixo dos meus peitos ta uma poça de água... **Esse áudio não acaba nunca?** Sons de pássaros, do vento... **Esse áudio não acaba nunca?** Acho que aquele cara achou que eu fosse louca...

Eu estou cansada, com sede, mas já fiz, caminhei caminhei caminhei, borboletas morrem no estômago, mandar cartão amarelo. Eu não sei o que escrever. Não prestei atenção a muitas partes desse áudio também. Aroma, Gleice falando... Madeira, retas, casa de móveis. Buraco para ver o céu, viewpoints, céu azul ciano sem nenhuma nuvem, sol quente, buscando sombras... Vento refresca. **Tinha algo sobre o vento não tinha?** Não me lembro. Dividir e remontar 6 filmes por 6 diferentes pessoas, achei incrível, gostaria de testar essa algum dia... Minha mão está cansada... Lembro de nomes em paineis de vidro e atirar neles, lembro de algo que me chamou atenção no começo do percurso no áudio, não lembro o que... Contar, trocar palavras por números: em ordem ou aleatoriamente? Centro cheio de gente, a maioria com máscara... **Números tudo a venda, só lembro dos valores: imagine uma quantia de dólares... O que da pra comprar? O que não da para comprar?** **Algo que me pergunto cada vez mais vendo as vitrines abarrotadas de produtos... Flores mortas... Me lembram das borboletas do estômago mortas... Empire State Building...** A voz da Gleice acalma, mas ela leu só 30 páginas? Meu Deus, o áudio foi todo dela, ótimo, sua voz me calma... Não sei mais o que escrever... Hoje andei meio a esmo... Minha mão dói... Minha perna parece estrelas explodindo... Tec Tec Tec... Não sei mais... Fazer móveis com todas as artes do mundo... Fazer móveis com armas...

Foi muito mais importante/significativo escutar os áudios e poder presenciar coisas que não presenciávamos antes, como as partes que falam do céu, da rua, da cidade.

**Foi interessante uma parte em que percebi que ela propõe coisas obvias tipo: divague. Sendo que a questão é: como não divagar?**

No processo de escuta, pude perceber a sobreposição de sons como as pessoas falando e outros barulhos da casa de cada um, com os sons do ambiente em que eu caminhava. Uma ótima coincidência foi que por estar andando no meio das árvores e no meio da natureza, comecei a perceber o som dos pássaros, além de vê-los voando, o que uma hora me deu vontade de escutar melhor o som deles e até cheguei a pensar na vontade de tirar os fones, mas de repente, no áudio produzido pelo Zé, pude perceber que haviam pássaros ao fundo. Lembrei muito da aula, **sobre a possibilidade de recriar os sons dos ambientes, o que na prática, achei algo muito bacana e potente para a conexão do espectador/participante com a proposta.**

Achei que a experiência no geral foi muito interessante, por essa outra visão, que pude ter do mesmo material e ...

Fazia muito tempo que eu não caminhava. A sensação de andar na rua, ver pessoas, sentir o calor da máscara na minha boca é muito nova e única. **Eu me perdi durante o trajeto, fui parar num lugar do bairro que nunca tinha ido. Tive medo das pessoas me raptarem e me colocarem dentro de um caminhão pipa.** **Cada pessoa que aparecia eu tinha medo, será que ela vai me contaminar ao mesmo tempo que eu era invencível, emissária do verão de 1964 que nada toca e nada afeta.** Eu achei um homem ou um menino. Ele usava uma blusa laranja com shorts azul e um daqueles fones bluetooths com cordinha. **Eu [per]segui esse homem e ele percebeu**, andou mais rápido e sumiu, eu continuei meu caminho. **Ouvi as palavras de Yoko, peguei uma flor e fiz um furo nela, olhei o céu através dessa flor.** Depois continuei, pensei em como seria pedir para a pessoa de quem eu gosto, beijar uma máscara ao invés da minha boca. Todo mundo usa máscara, será que a Yoko sabe disso? Eu continuei me perdendo, encontrei uma praça, um casal tirando selfie com o bebê e tive medo deles pedirem para eu tirar a foto. **Ouvi a Yoko que na verdade era a Verônica falando para mim gravar todos os dias minha filha penteando os cabelos. Eu não tenho filha.**

Eu virei uma esquina e encontrei o homem de camisa laranja de novo, ele percebeu a minha presença. Deve ter achado que eu o tinha perseguido desde aquela hora, sendo que eu não tinha a menor ideia de onde estava indo, eu o reencontrei sem querer. será que isso é destino?

O homem de camisa laranja usava uma máscara branca, igualzinho ao que pediu Yoko. Tive uma vontade muito (....)

Primavera de 2020. Caminhar embalada por nossas vozes. Convites breves entremeados às estações do ano. **Olho muito o céu e penso no que levaria para a eternidade.** Percebo as plantas que teimam em nascer no buraco do muro, no quadrado pequeno cravado no asfalto ou na calçada. Percorro as ruas seguindo as raízes das árvores, as praças me atraem. Mesmo de fones de ouvido, quero ouvir o som das folhas secas e das cascas de semente que meu passo destrói. O tempo está seco; tenho sede. [em minha cabeça toca: traga-me um copo d'água, tenho sede e essa sede pode me matar..., na voz de Gilberto Gil]. Busco as frestas das janelas, caminho pela sombra e queria estar de shorts. Reparo nas linhas presentes no espaço [Yoko fala sempre em linhas]. O pé de romã seco cortado é um pedaço de pintura. Máquina de escrever, máquina de costura, entulhos e restos me interessam. O espelho antigo que reflete minha imagem de caminhante também. Um espelho deitado ao longo do fundo da garagem de uma casa devolve a rua pra rua, o olhar pra fora. **Os bichos, os cachorros e os gatos têm o saber do descanso, da improdutividade. Como dormem bem, entregam-se a qualquer brecha de sol. Deixar alguém dormir é um cuidado imenso; dormir enquanto os outros fazem por você é o máximo da entrega. Sem culpa... [Yoko ensina]. Fazer listas pode te fazer dormir, transpor a ansiedade para o papel.** Ficar em casa, permanecer dias no seu quarto bebendo água. Ela previu a quarentena. Deixar-se ser copiada e destruir os originais. Há radicalidade e busca do sentido da vida [ou de um modo de vida - way of life / savoir vivre] em instruções muito simples. Umas viáveis e factíveis; outras impossíveis, engraçadas, irônicas ou contemplativas. **O quanto se aprende enquanto se caminha?** Até quem ouve deitado tem descobertas a fazer [penso na Mabê]. **Permitir-se, não deixar-se levar pelo turbilhão dos afazeres.** Há um respeito ao corpo e as peças combinam com as estações, embora eu goste quando o Zé subtrai [as interrupções] das estações. **Pentear-se e ver os seus ao pentear-se. Contemplar pode ser muito.**

**Fluxo 1 2 3 Fluxo Fluxo Fluxo 1 2 3 1 2 3 1 2 3 1 2 3 1 2 3 1 2 3 câmera desligada 1 2 3 acabou o tempo acabou o tempo agora a eternidade a vida acaba Toda hora toda hora eternamente até realmente acabar o tempo e acabar a vida e aí sim somos eternos mas eternidade tem calendário, relógio, tic tac hora marcada para começar e acabar como na matemática se entre o 0 e 1 há infinito na eternidade o tempo é infinito eu consigo nunca chegar atrasada mas o tempo é força - é força?** Matemática é o quê E como caralhos o quê E como caralhos é possível - quero falar? Quem quer falar? como o som se propaga na eternidade como o som se propaga na eternidade como é possível que o som se propague - na eternidade tem ar partícula ondas mecânicas e eletromagnéticas se esparramando pelo ar colocar e tirar de novo de novo de novo como jogar tempo fora numa guerra para o fim do Mundo **como jogar tempo fora numa guerra para para para a fim de com para com com a fim de para o fim do mundo meu Deus onde ele estava na guerra onde Deus está na guerra contra para pôr a fim do fim do fim o fim do fundo mundo do Canto da caneta velha de lixo como um grande escorregador a fim de matar passarinhos e sentir seu cheiro como matar o mundo e matar o fim do fundo do poço como cruzar uma caverna do Brasil a Machu Picchu sem relógio como matar o mundo de leituras que respeitam o tempo tempo tempo grande soberano de marcar início do inverno do verão de não sei como não sei onde como se concentrar se partir em dois se concentrar com o tempo a favor da morte do tempo de dormir Como dormir hibernar e tudo bem sem relógio sem estações sem dia noite céu no escuro quarto cômodo aberto fechado no escuro escuro escuro existe tempo em um quartinho escuro sem cultura presente passado futuro NOTA! TER UM FILHO E TRANCÁ-LO NUM QUARTO ESCURO PARA SEMPRE SE ELE VISLUMBRAR A LUZ - ABORTE.**

Eu ri. Não vou tropeçar na frente das pessoas. Engraçado como os primeiros áudios pareceram mais interessantes quando ouvidos. Minha voz. Caminhando comigo mesma. Como quando faço sozinha com meus pensamentos, mas hoje a voz está bem alta e não são os meus pensamentos. Impossível não se julgar. Falei a palavra direito? A frase está minimamente entendível? Parando se me julgar e curtindo o áudio. A Verô disse para deixar fluir sem se frear e com expectativas baixas, mas é difícil não me analisar, é minha voz. Saturei de propagandas. No começo estava legal. Eu parecia uma moça das propagandas. **Talvez eu pudesse encontrar um emprego nessa área pra desapertar porque tá osso, mas eu enjoei de propaganda. Uma boa ideia para o programa que tenho que escrever. Ou isso que pensei é um procedimento?** Preciso analisar melhor aquela aula. Volta para o tour ouvindo áudio. O que foi aquela parte que falava sobre roupa íntima de mulher que me deixasse mais alta e eu parando em frente à uma loja de lingerie com uma manequim vestida sexymente de camisola preta? **Eu não acreditei nessa coincidência do ouvir com o foco dos meus olhos. Parece brincadeira. Yoko, vc está aí?** Tirei uma foto pra comprovar se eu for expor isso em aula. Ou eu tirei foi pra mim mesma pra eu ter certeza de que foi um momento muito OI? Mas eu gostei. Nossa, esse áudio demorou mais que cinquenta minutos, me pareceu. A Voz da Laís lendo com um outro tom fazendo a leitura de uma outra personagem o que foi aquilo? Genial. Coisas que a gente anda sensível para observar ou cansada impulsionada a fazer análises nada a ver. Três minutos. O que mais dizer? Ah, o cachorro que desapareceu. Que ótimo aquilo. **As palavras mais fortes que me prendiam a atenção. Tipo a palavra livro. Eu via o cachorro e era um cachorro, de repente ouvi livro, vi livro e não vi mais cachorro**. Esses desaparecer da mente forte comparado ao aparecer do olho. Achei bem legal essa parte. Depois que eu percebi mais atentamente isso que acontece na vida mas ninguém fala tudo começou a aparecer e desaparecer, mas só por um tempo tbm, pq logo veio a propaganda.

**Escrita automática a partir de caminhada no dia 26/10 - Grapefruit parte 2**

Você gostaria de atuar nesse filme. Dessa vez diversos momentos bem humorados me fizeram rir. Engraçado como o cansaço nos faz esquecer um pouco nossas amarras e eu acabei rindo alto na rua. Laís e o “fafafa” “bababa”. Mas também **Yoko provoca muito e intensamente sobre o valor e o papel da arte. Com as Belas Artes, faça uma pipa da Monalisa, distribua pedaços da Vênus. E a sua arte, um preço específico à maneira do capital para cada “obra”. X dólares por X tamanho de fita de gravação do som da neve. $50 por uma pintura faça você mesmo.** Dessa vez, muitas coisas não era instruções. E me parecia meio o clubinho de segredos sobre o mundo. **“Às vezes chovem outras substâncias além de água, mas poucos percebem”.**

Enfim, **eu queria morar nas coincidências**. Eu queria estar em todas as coincidências porque é nelas que... ... ... **Por exemplo. Eu vi uma pedra e pensei. É uma pedra com potencial de ter o meu peso** (provavelmente chutei muito mal e ela deve ser muito mais pesada). **Então eu fui até a pedra e toquei nela. E assim que eu toquei, a Gleice falou da Pedra, não me lembro o que. Era algo escrito em pedra.** Ela falava pra tocar a pedra? E isso me atentou para quão impreciso, displicente foi o meu toque. E me obrigou a tocar direito. Eu caminho e vi a placa de uma casa escrito “PRIMAVERA” ao mesmo tempo que a Gleice falou “PRIMAVERA”.

essa experiência foi extremamente diferente da outra. no meu bairro, você pode seguir pela esquerda ou pela direita. pela direita é silencioso e arborizado, pela esquerda é cheio de gente e movimentado. hoje eu fui, diferente da semana passada, pela esquerda. isso me deu muito medo e ódio. ficava irritada com cada pessoa sem máscara que eu via, sentia que isso era um ato enorme de desrespeito comigo, e tentava desviar delas. mas era muita gente. será que eu peguei corona? me arrependi da minha decisão quando cheguei em uma avenida e os carros começaram a cobrir a voz da Yoko. **eu não entendia muito bem nada "se veja de fora caminhando na rua, faça você tropeçar" eu me via de fora caminhando na rua cansada, e não tinha forças para tropeçar**. era muita gente, muito barulho. ainda assim uma pessoa em particular me chamou a atenção: era uma mulher magrela com cara de hipster, que me lembrava muito uma professora de português que eu tive no 9ºano do fundamental. eu a observei entrar em uma loja e continuei o meu caminho. semelhantemente a semana passada, me reencontrei com essa mulher no fim do percurso, a vi andando perto do meu apartamento. muito doido como não tinha intenção nenhuma disso, mas ainda assim aconteceu. quando a vi, Lai estava falando várias vezes ba ba ba ba ba e fa fa fa fa . ela parecia maluca.
fiquei um pouco confusa dessa vez em mim mesma, com mais medo dos outros do que eu gostaria. com mais raiva do barulho que eu gostaria e com menos Yoko. **as instruções eram longas e eu me perdia nos meus pensamentos. me revolto um pouco comigo mesma de não conseguir focar em uma voz propositalmente amplificada dentro da minha cabeça**. mas faz parte. foi interessante **perceber o quanto a poesia existe em todo lugar, mas tem dias que é difícil achá-la.** dessa vez foi difícil. e eu ficava muito insegura de como me afastar de um transeunte sem máscara sem parecer deseducada. no fim ignorei essa questão, só não gritei que é feio caminhar sem máscara porque estava cansada.

**cansada cansada cansada nessa cidade barulhenta

alguns momentos achava calma na voz dos meus amigos

outros não.**